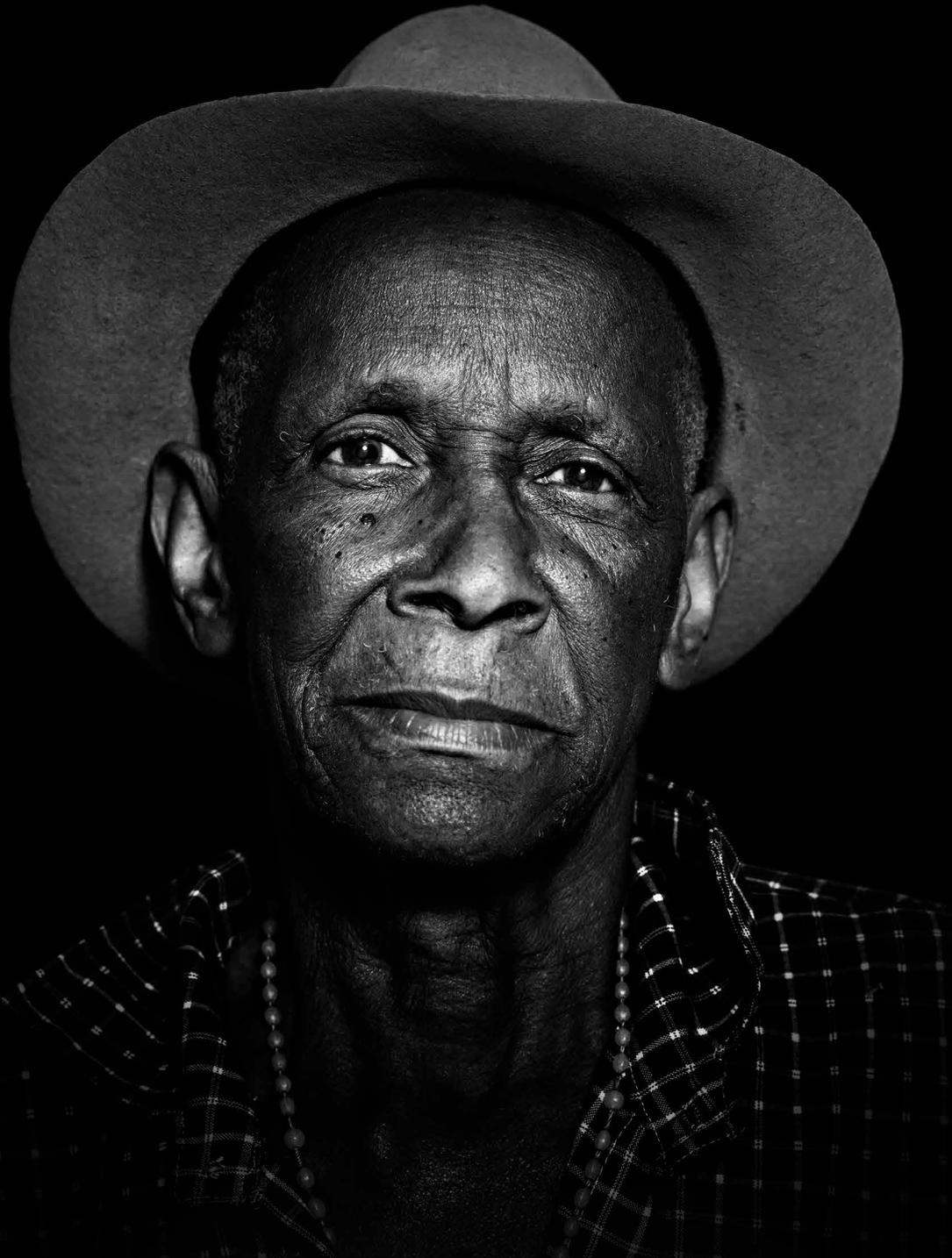


ALVARO VILLELA



FACES



ALVARO VILLELA

FACES

APOIO FINANCEIRO



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



AGRADECIMENTOS

Agradeço a Paula Resende, minha companheira, pela força e incentivo de sempre. A Jackson Liberato por ter sido o proponente deste projeto. A toda equipe da Pau Viola, que é pau-viola mesmo. A Goya Cruz, pela luz inicial. A Joãozito/Lanussi pelo olhar amoroso. A Manu Castro pelo texto preciso, a Cleidiana Ramos pelo belo texto. A Zilda Reis, por chegar junto quando eu precisei. Agradeço especialmente a todos os moradores das comunidades quilombola de Barra do Brumado e Bananal, por me receberem e permitirem minha entrada em suas vidas para fotografá-los, em particular, agradeço a Carmo, pelo apoio e hospedagem em sua própria casa, e a D. Joanita, por ter permitido que sua casa fosse transformada em um estúdio fotográfico.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para realização desse projeto.



As potencialidades presentes no registro de faces negras

Em 2007, durante a preparação de um dos cadernos especiais da Consciência Negra publicados pelo jornal A Tarde, eu estava atualizando o conteúdo quando me deparei com uma imagem produzida pelo fotógrafo Luiz Tito, profissional que admiro muito. A imagem mostrava duas meninas na janela de uma casa de adobe em uma comunidade quilombola no oeste baiano. O sorriso das garotas funcionou, para lembrar Roland Barthes, como o *punctum* que me emocionou profundamente. Foram minutos de captura da minha atenção por conta da beleza que transcende análise sobre técnica, composição ou algo mais. Eu não conseguia deixar aquela imagem. Consegui abrir espaço na publicação porque aquela fotografia precisava circular. Não sei o que ela andou despertando diante de outros olhares, mas considero que o meu fascínio se deu porque Luiz Tito conseguiu escapar da sedução do registro-denúncia, que é necessário, mas o comum quando se aborda comunidades tradicionais, onde falta tudo que se relaciona a infraestrutura básica. O problema é que, muitas vezes, a perspectiva se fecha nesse sentido e se perde um pouco do entendimento de que, mesmo em um grupo com organização social diferenciada, como os quilombos, também há choro, riso, revolta, briga, festa, dúvida e tantas e tantas emoções que nos

aproximam por mais diversos que sejamos. E dar atenção a isso é também importante: comunidades tradicionais têm semelhanças, mas muitas diferenças principalmente entre os seus indivíduos, o que afasta o risco do pernicioso reducionismo em suas variadas formas. E eis, que me encontro, novamente, em meio às reflexões e emoções parecidas com as daquela tarde em uma redação há 14 anos. Isso por conta da coletânea intitulada Faces, que é resultado da narrativa sensível, mas contundente, de Álvaro Villela. A introdução foi longa devido às muitas sensações que experimentei contemplando as fotografias dessa coletânea. O meu primeiro contato com elas foi quando entrei no estúdio da galeria Triângulo para a transmissão do Ori Literário, projeto em que tive a sorte de atuar na condição de curadora, ao lado de Tom Correia, e como mediadora da mesa de abertura em fevereiro desse ano. Ao ver algumas dessas imagens pela primeira vez não consegui desviar o olhar durante alguns minutos. Ia de uma para outra, e voltava mais uma vez, outra e outra, como ocorreu com a imagem das meninas sorridentes. E uma coincidência: durante a espera para o início da atividade, em conversa com Jackson Costa que foi diretor do Ori, comecei a relatar a história da fotografia que me obrigou a abrir espaço para publicá-la. Só agora percebi a

conexão entre a sensação quando as vi no cenário do Ori e a conversa com Jackson Costa. Possivelmente, esses mecanismos do sentir que a fotografia misteriosamente aciona encontrou um padrão para avivar o punctum da minha memória: as imagens de Faces foram realizadas em Barra e Bananal, comunidades quilombolas que ficam no município de Rio de Contas, na Chapada Diamantina.

Tive assim o privilégio de rever algumas das fotografias e conhecer as outras que foram selecionadas para essa coletânea. É uma alegria perceber a soma de habilidade e sensibilidade no trabalho de um fotógrafo que, em um quilombo, foi além do que se apresentava como cenário. Neste trabalho, como já é uma de suas características, Álvaro Villela não se acomoda na identificação do enquadramento ideal do registro. Ele consegue ir além. Instiga e nos convida a observar não apenas as “faces” dos seus personagens, mas a revelação delas, às vezes, em um gesto ou detalhe. Na era em que apostamos na linguagem das imagens em movimento- vídeos, stories, gifs, memes animados- as faces registradas por Álvaro Villela, em tecnologia fixa, têm a eloquência de uma “voz” sutil, mas forte a ponto de ecoar como se reproduzida por um aparelho de som altamente potente.

Ao olhar para as imagens sinto como se ouvisse a música produzida pelo deslizar tranquilo das águas do Rio Brumado por onde navegam duas pequenas embarcações; imagino o cheiro do café, passado no coador,

que possivelmente perfuma as tardes da casa da personagem que, usando uma camisa com a estampa do Pato Donald, avisa que a trama entre tempo e culturas é muito tênue; abraço a fantasia de que escuto a oração do homem que esconde o rosto desviando a atenção para o quadro do Coração de Jesus à sua direita; identifico o som familiar do pandeiro tocado em meio ao sorriso de quem o controla, o que me enche de saudades da minha terra, laço, também situada na Chapada Diamantina, porque lembro da chula que embala os carurus de São Cosme e reisados, mas também temperou a luta política dos posseiros de lá por toda a década de 1970 e início da década de 1980. No campo oposto estava uma poderosa rede que o latifúndio mobiliza. O mesmo latifúndio que, pode ter até a embalagem moderna da grife “agronegócio”, mas está sempre com a espada estendida em direção aos quilombolas. Posse de terra é poder, como essas populações sentem os efeitos, literalmente, na própria pele.

Mas há ainda a oferta dos rostos em close, o que dá nome ao trabalho. Que contribuição de um artista da imagem para auxiliar o rompimento com uma das violências mais clássicas produzidas pelo racismo: a negação da concepção de beleza a faces negras. Essa afirmação persiste e insiste nas mais variadas formas: na nossa ausência nos lugares de protagonismo da TV, do cinema e da moda; no aprisionamento dos nossos cabelos em padrões que ainda lançam mão de sua força violenta como a química para

alisamento; nas construções do discurso de que “batom vermelho” não combina com a nossa cor de pele. Mudanças estão ocorrendo. Sim, mas lentamente. As vitórias nas guerras narrativas das redes digitais, ironicamente, não chegam tão rapidamente às tramas da vida cotidiana do vasto Brasil profundo.

Ciente dessas questões, consigo imaginar a dificuldade de Álvaro Villela para convencer suas personagens a se deixar mostrar como um padrão do “belo” em toda a sua potência. Mas a boa notícia é que ele venceu o desafio proporcionando a nós, seu público, a contemplação da beleza de variadas gerações irradiando desde uma pose mais séria para o meio sorriso até o riso completo. A partir do protagonismo dado ao retrato, essa forma que parece tão mais simples entre as muitas da fotografia, mas que é cheia de nuances, Álvaro Villela nos dá um caleidoscópio sensível a diversas emoções. Estas podem ser desencadeadas a partir das experiências e repertório de quem visualiza cada uma das imagens. E isso é fidelidade à potência da fotografia.

Cleidiana Ramos

Jornalista e doutora em antropologia



A propósito dos retratos de Alvaro Villela

Estas faces que nos miram, além de testemunho de um povo que venceu a dura prova da existência no interior de um mundo dominado pelos brancos, na condição de espoliado, também carregam consigo uma espécie de triunfo da vida, a transmitir para os que virão o direito ao legado dos seus antepassados - para que deles se saiba, possibilitando imaginá-los nos seus mistérios, nas tramas que urdiram, nessa construção silenciosa sobre a qual se funda o nosso território de lembranças e permanências, pedaços de nós mesmos, que, se dele nos apartarmos mais pobres ficaremos, viajantes sem bagagem.

Aqui há uma outra maneira de compreender a feitura destes retratos, não as faces destinadas aos documentos, essa identidade jurídica fria, onde os retratados são contidos por uma norma de catalogação ditada pelos imperativos do controle social. Nem tampouco a urgência do foto repórter preso à fração de segundo, levado a uma busca do momento decisivo.

O que se busca nestes retratos é uma relação entre fotografado e fotógrafo, um face-a-face onde se possa contar uma história de homens mediada pela celebração da imagem, na vagareza e sabor da prosa. E conceder aos vindouros o seu jus imaginum,

o direito destinado aos nobres romanos de ostentarem nas suas paredes o duplo dos seus antepassados, tal e qual anjos tutelares a zelarem pela preservação das virtudes no interior da família.

Retratos em suas fisionomias plenas, com seus segredos, suas dores e alegrias. A fotografia a valer-se do close, "alma do cinema", essa maravilhosa invenção de Grifit, e nos leva para "a infinita diversidade do rosto humano". Bem nos diz Dreyer: "Não há nada no mundo equivalente a um rosto humano. Terra que não se exaure de explorar uma paisagem de beleza singular".

Nesta suposta crise da representação da imagem o retrato se faz presente na sua transcendência.

Emanuel Castro
Escritor



FACES

Os retratados são pessoas que vivem nos quilombolas da Barra e do Bananal, duas pequenas comunidades de negros descendentes de escravos que fugiram de um navio negreiro naufragado na costa sul da Bahia, e vivem desde o século XVII às margens do Rio Brumado, no município de Rio de Contas, na Chapada Diamantina.

Meu envolvimento com eles sempre foi movido pelo propósito de documentar o rico universo de suas danças, trabalho, e demais facetas de suas vidas. Ao ser desafiado a trazer imagens que revelassem a ligação das atuais comunidades quilombolas com sua cultura ancestral foi que percebi como essa ancestralidade está diluída com outros maneirismos, costumes e até mesmo com outra religião da professada por seus antecessores.

Diante desse quadro de quase apagamento da memória, a solução que encontrei foi buscar na simplicidade do retrato a essência de toda a ancestralidade distante. Montamos um pequeno estúdio na casa de Dona Joanita, uma sorridente moradora local, usando um

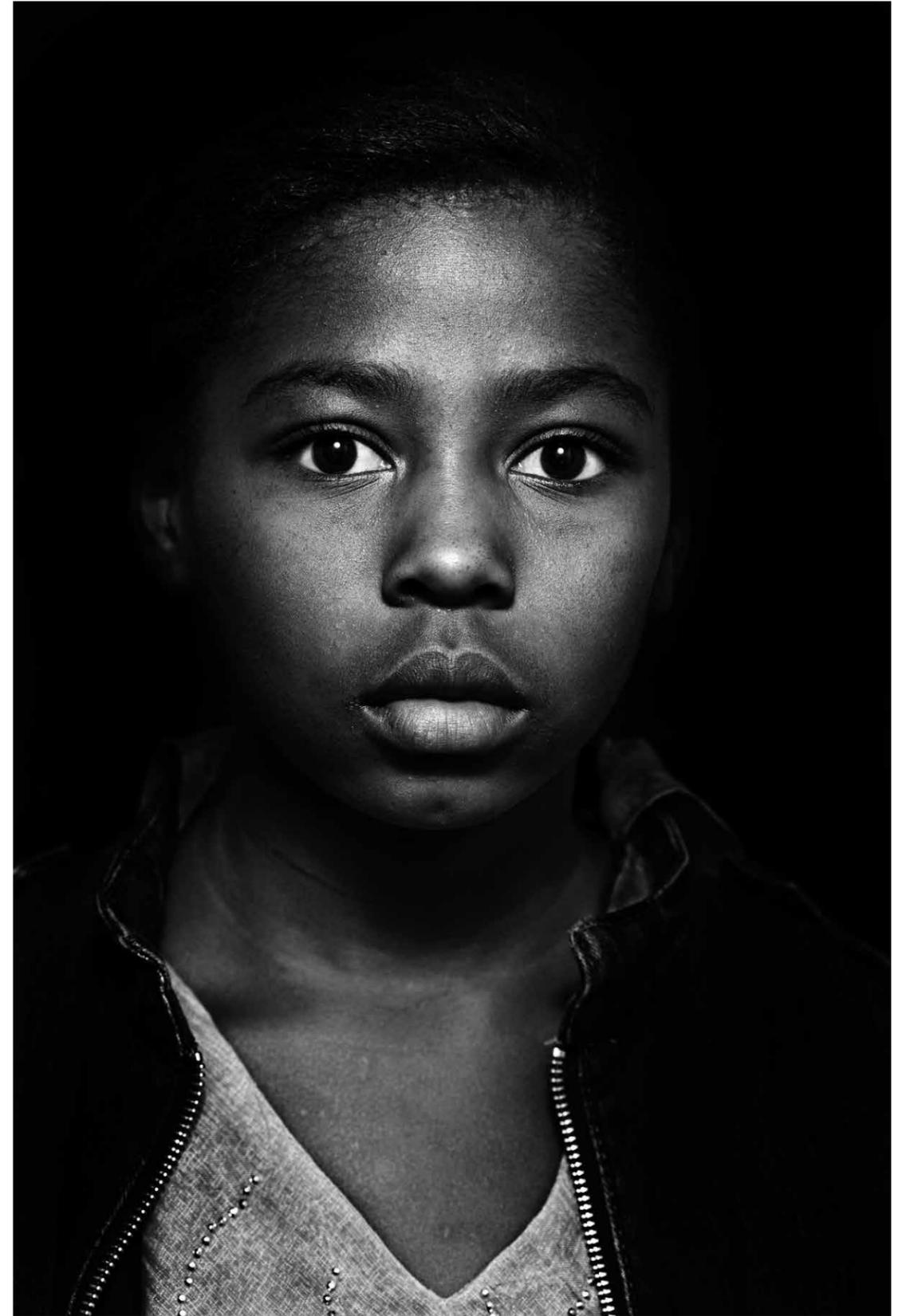
pano preto ao fundo, o qual descontextualizou as pessoas criando-lhes a sensação de desaparecimento de si mesmas, fazendo assim uma alusão à distante ancestralidade.

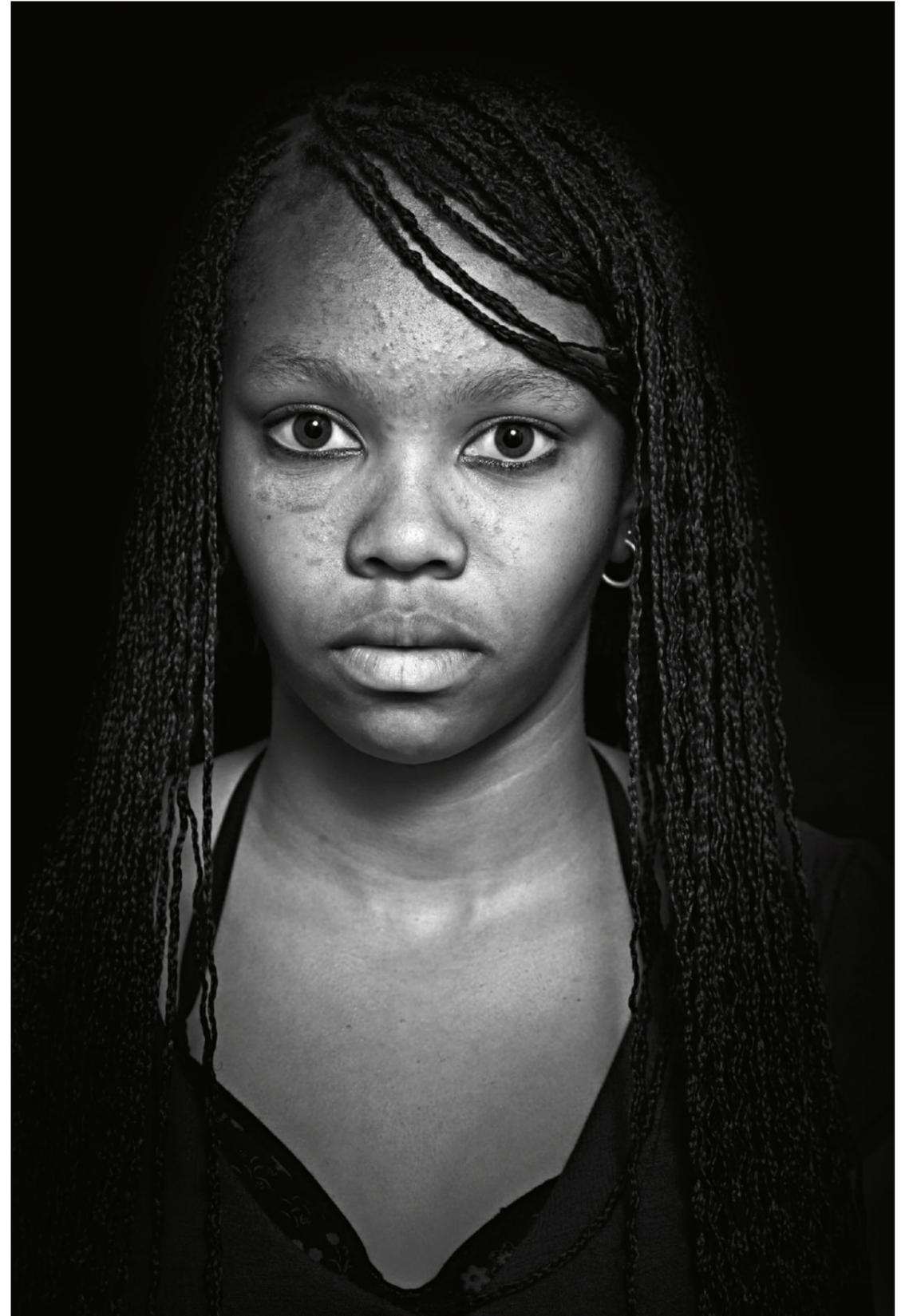
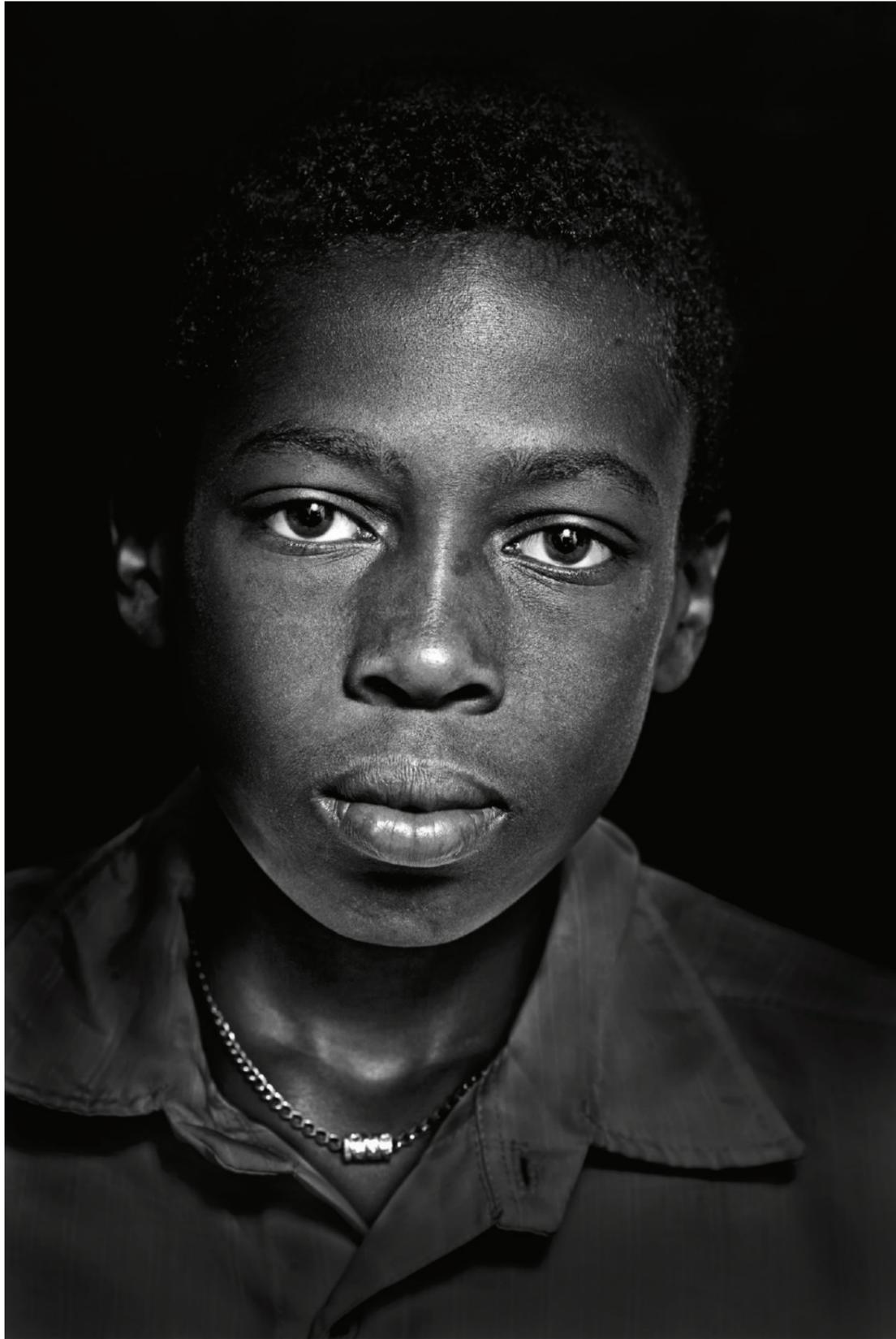
No começo as pessoas resistiram, mas depois de verem as fotos umas das outras a emoção tomou conta do pequeno espaço que dividíamos com os móveis da sala. A tensão inicial deu lugar a risos e a deliciosos comentários sobre as suas faces. Apresentados os primeiros resultados, algumas pessoas se surpreenderam com a própria imagem, o que me leva a crer que elas não se olham ou não conseguem se enxergar. Uma senhora negra dos olhos claros já tinha ouvido falar da cor dos seus olhos, mas não tinha certeza de como eles são. Com uma identidade cultural bastante rarefeita, o que resta da própria ancestralidade para esse povo é a força das suas faces.

Os retratos aqui apresentados seguem uma estrutura de trabalho que sugere uma metáfora de um povo e sua cultura, que tendem a desaparecer, ou se reinventar, só restando uma memória distante.

Alvaro Villela
Fotógrafo









“

Nossos pais contavam histórias de sofrimento, da época da escravidão. Mas, não queríamos ouvir as coisas dos mais velhos porque achávamos que era caduquice. Aí eles morreram, e a gente, que não soube aproveitar, perdemos isso para sempre.

”

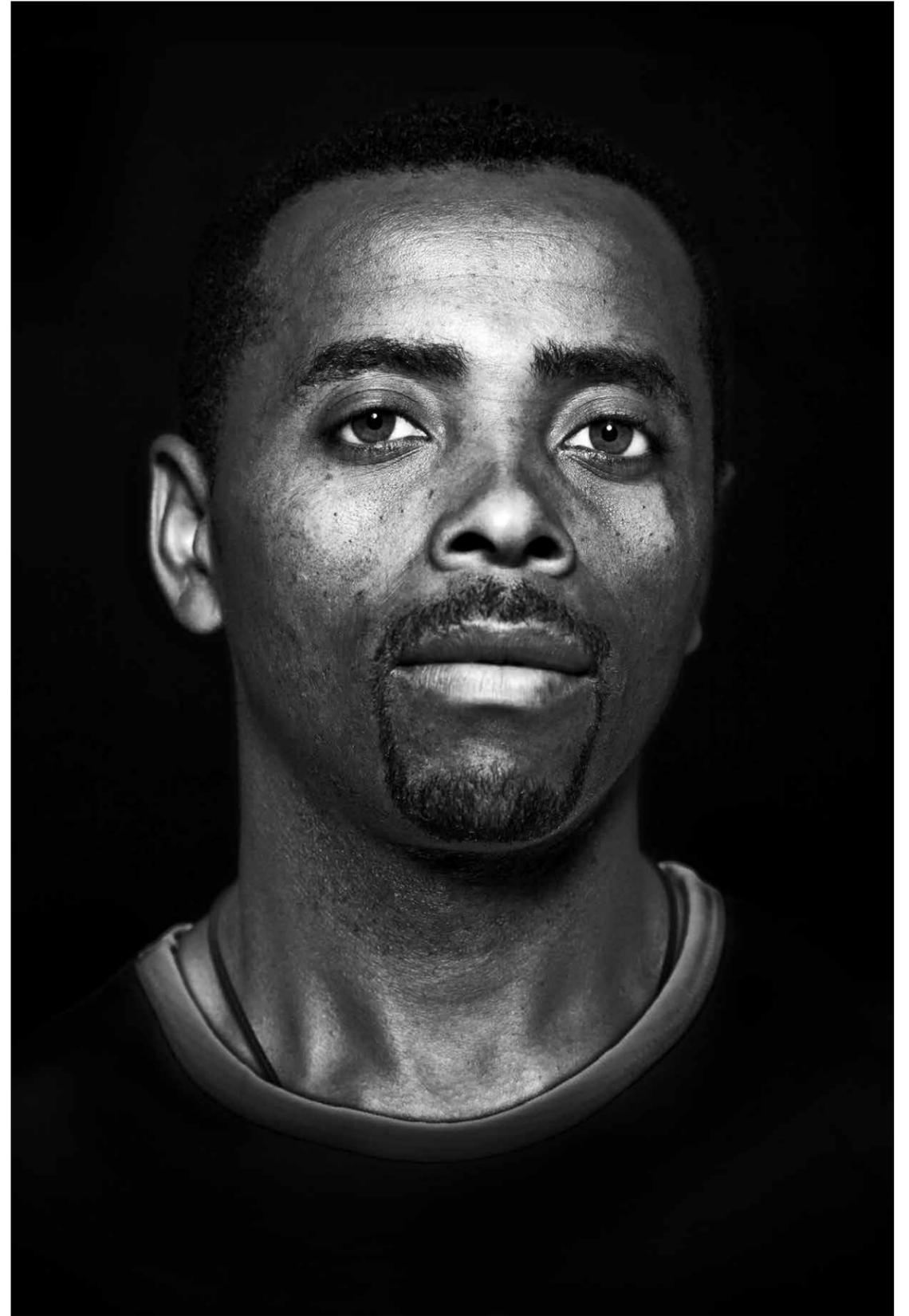
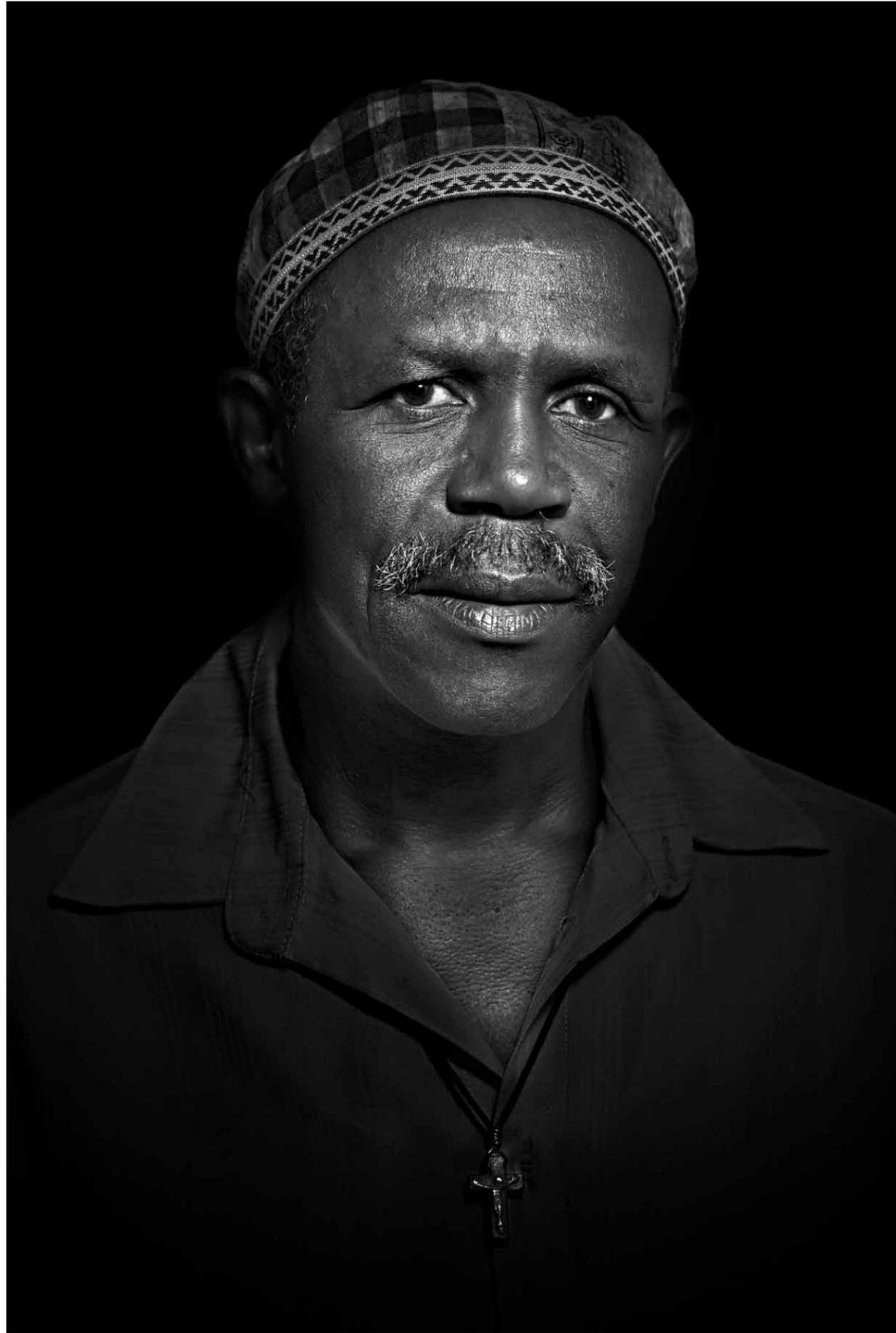
Dona Claudina Silva, 91 anos, uma das mais antigas moradoras da comunidade.

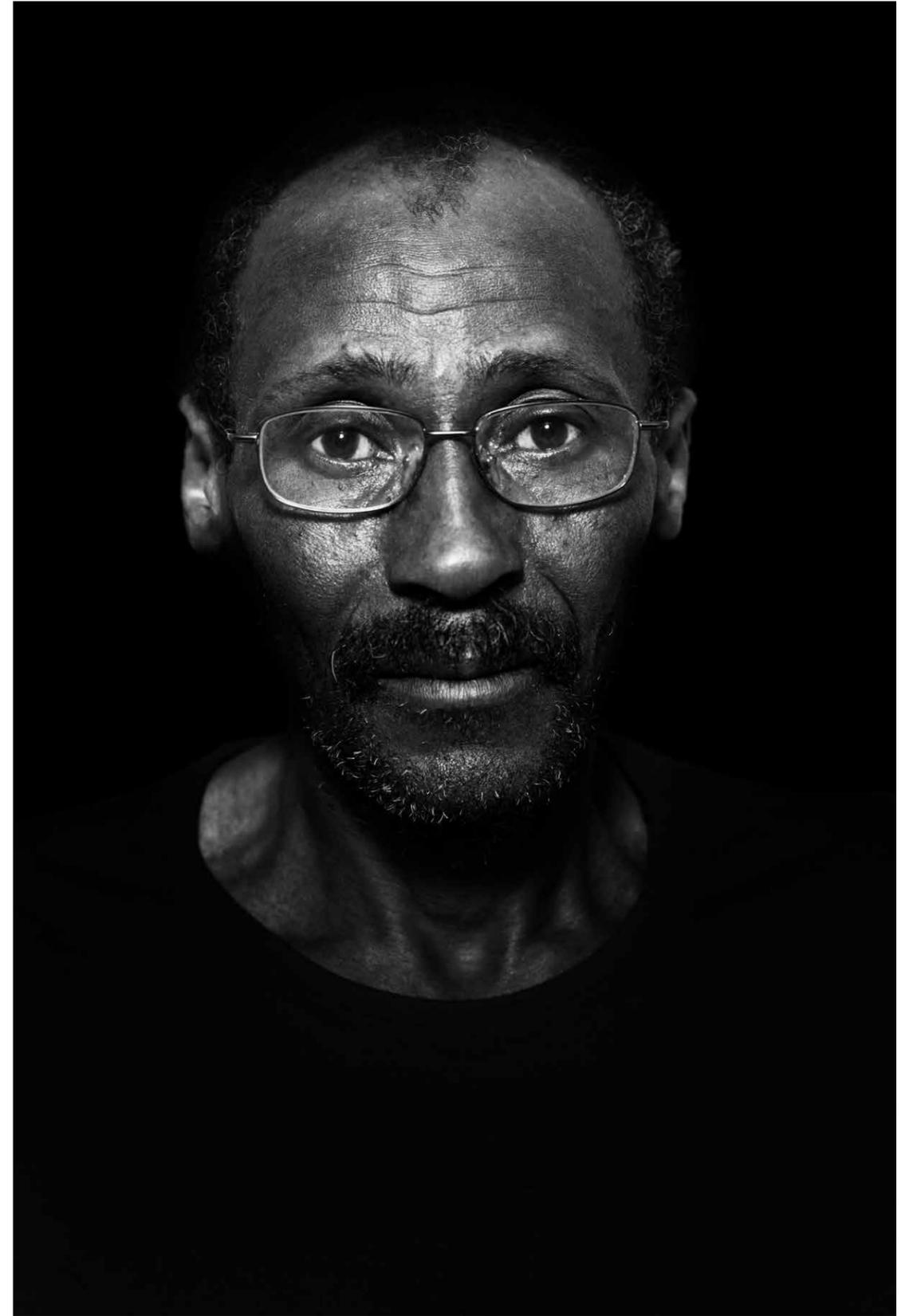
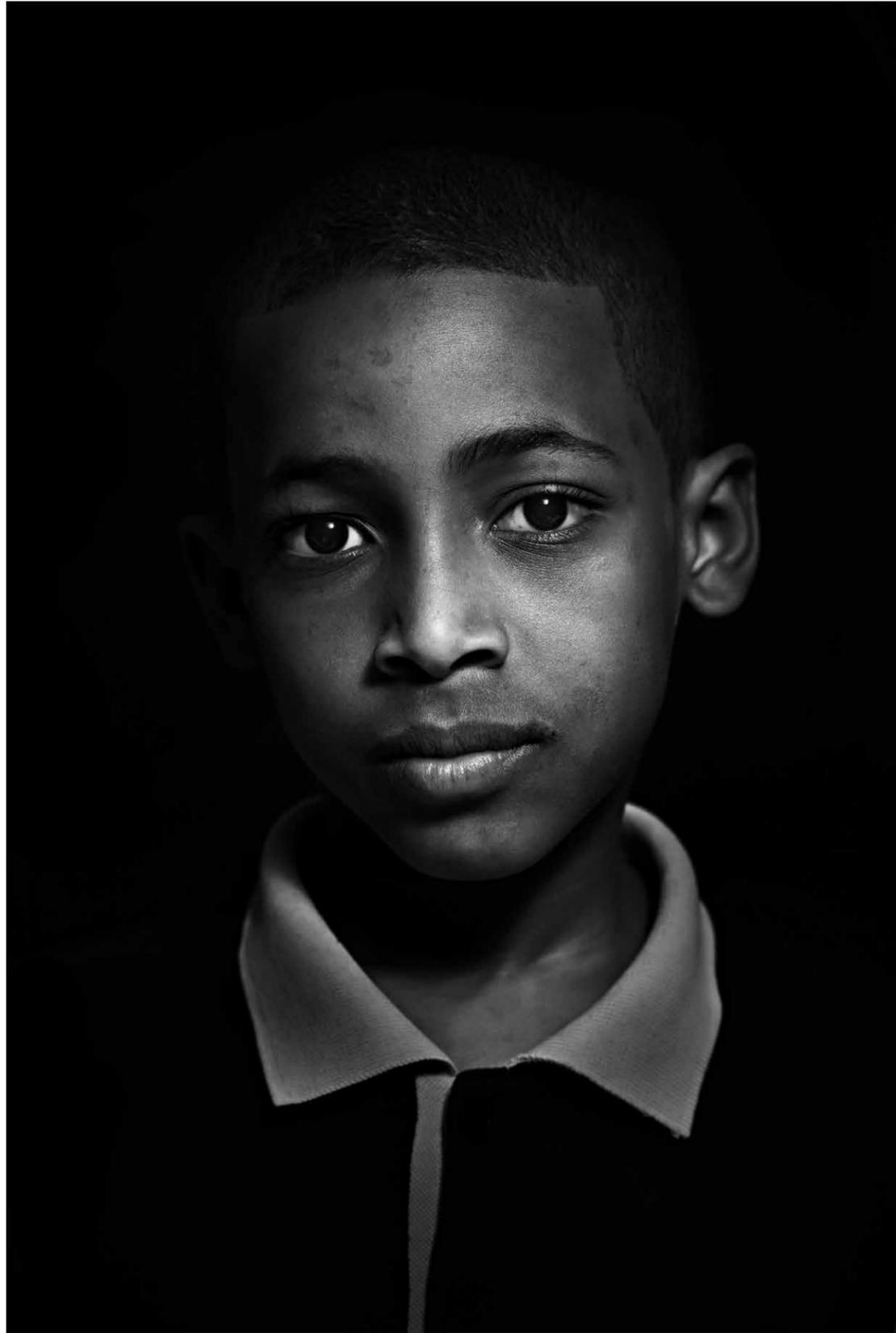




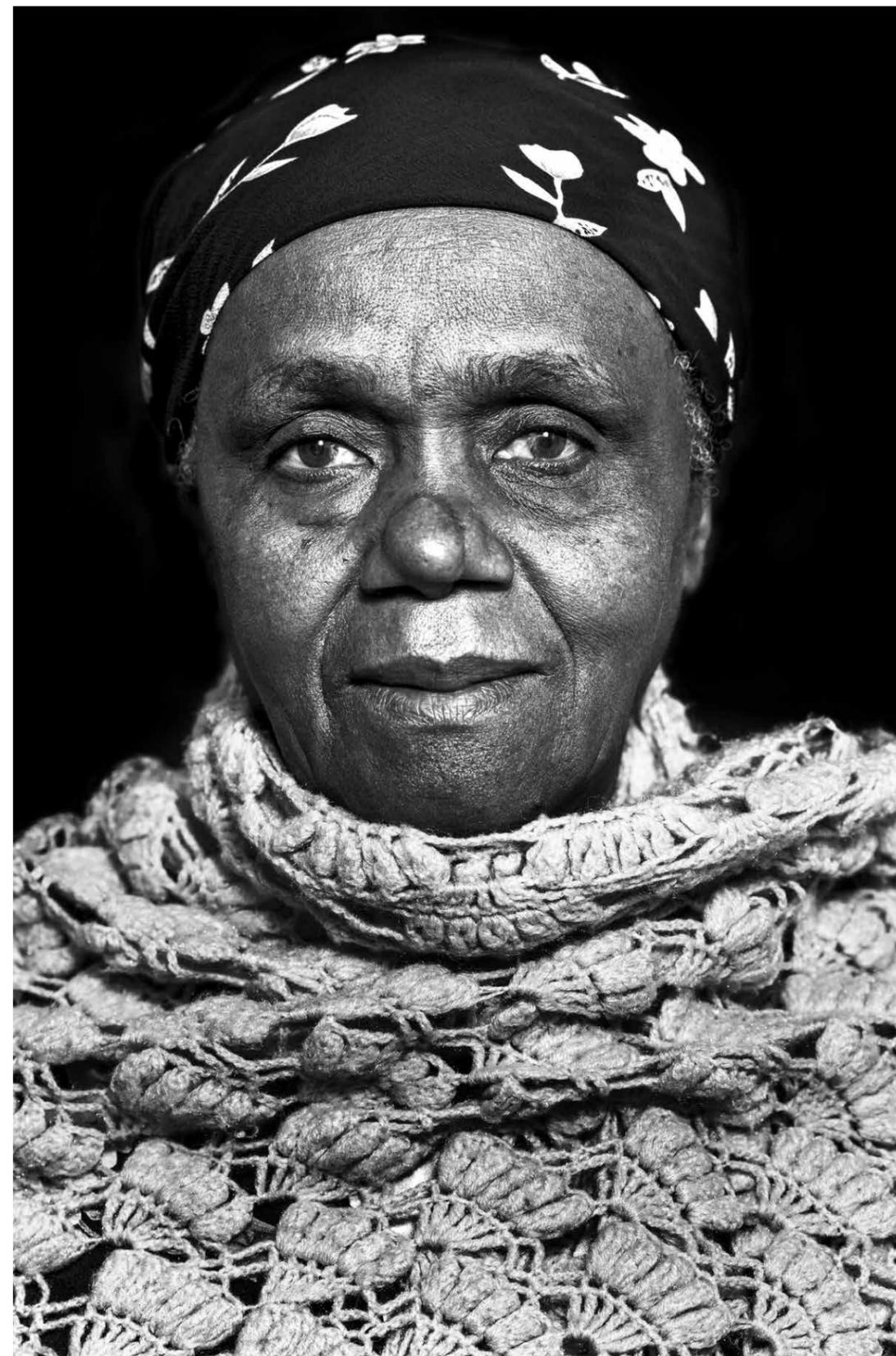








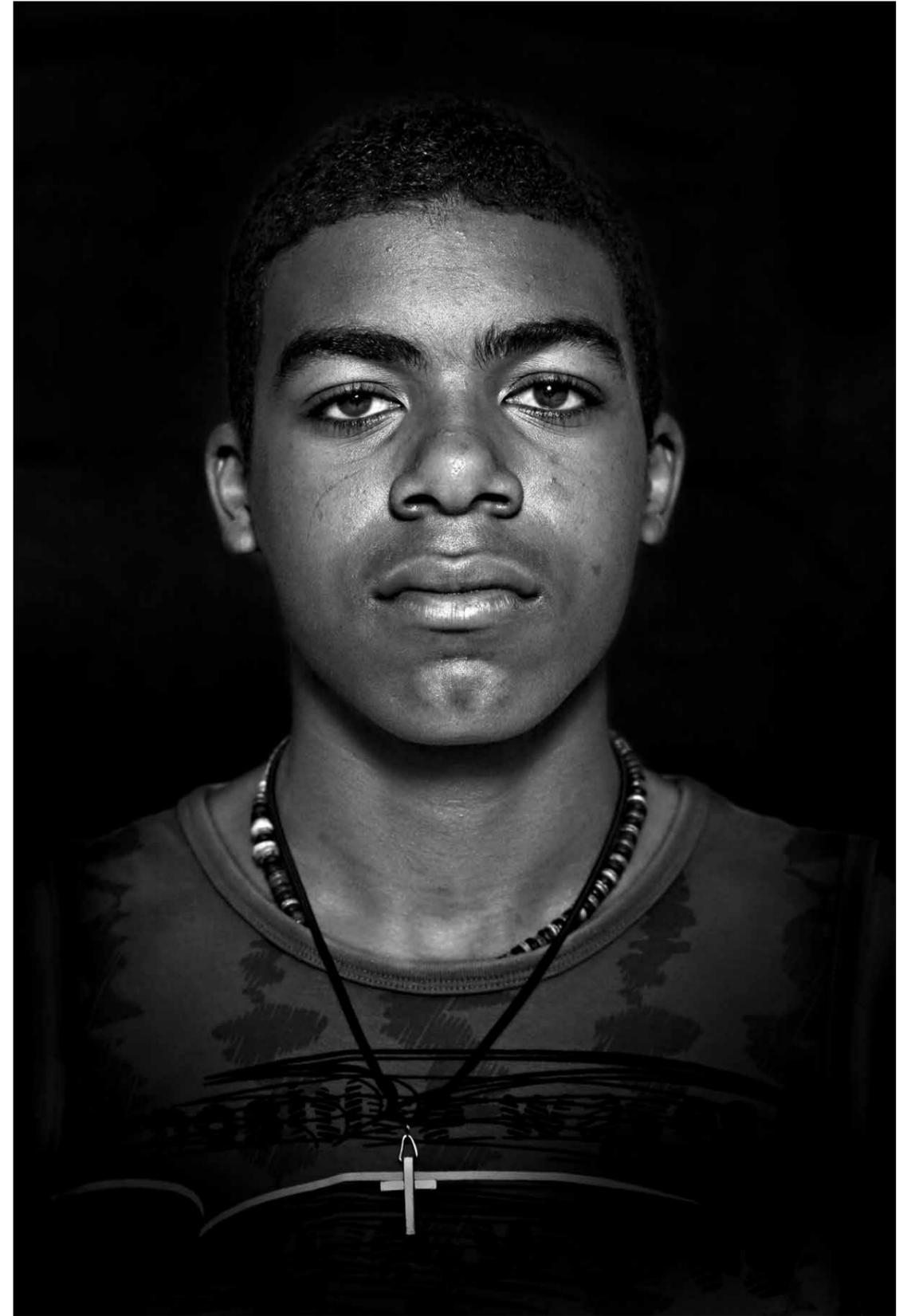
Ao verem, ainda na câmera, as primeiras fotografias, algumas pessoas se surpreenderam com a própria imagem, o que me leva a crer que elas não se olham ou não se vêem. Uma senhora negra dos olhos claros, já tinha ouvido falar da cor dos seus olhos, mas não tinha certeza de como eles são.

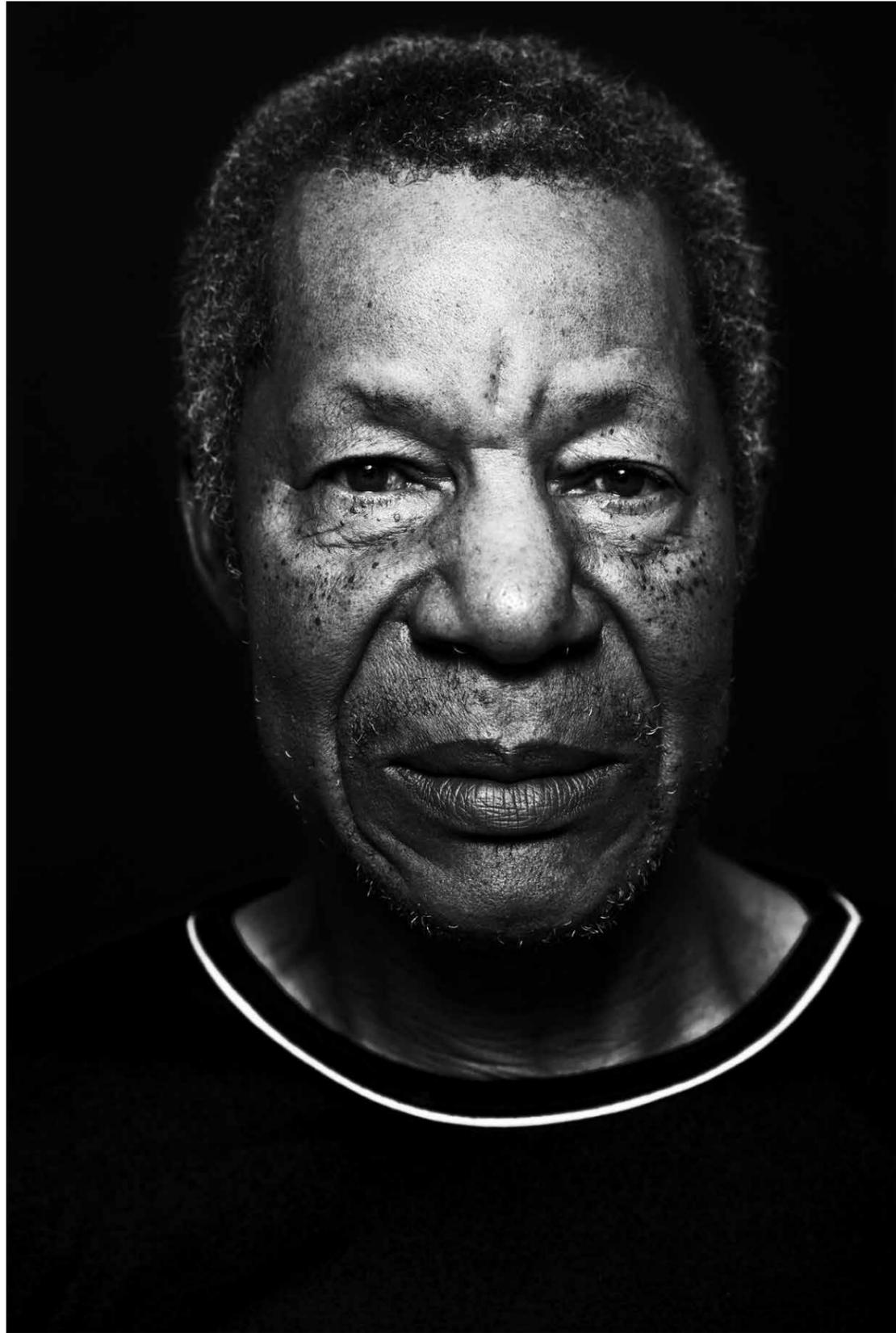














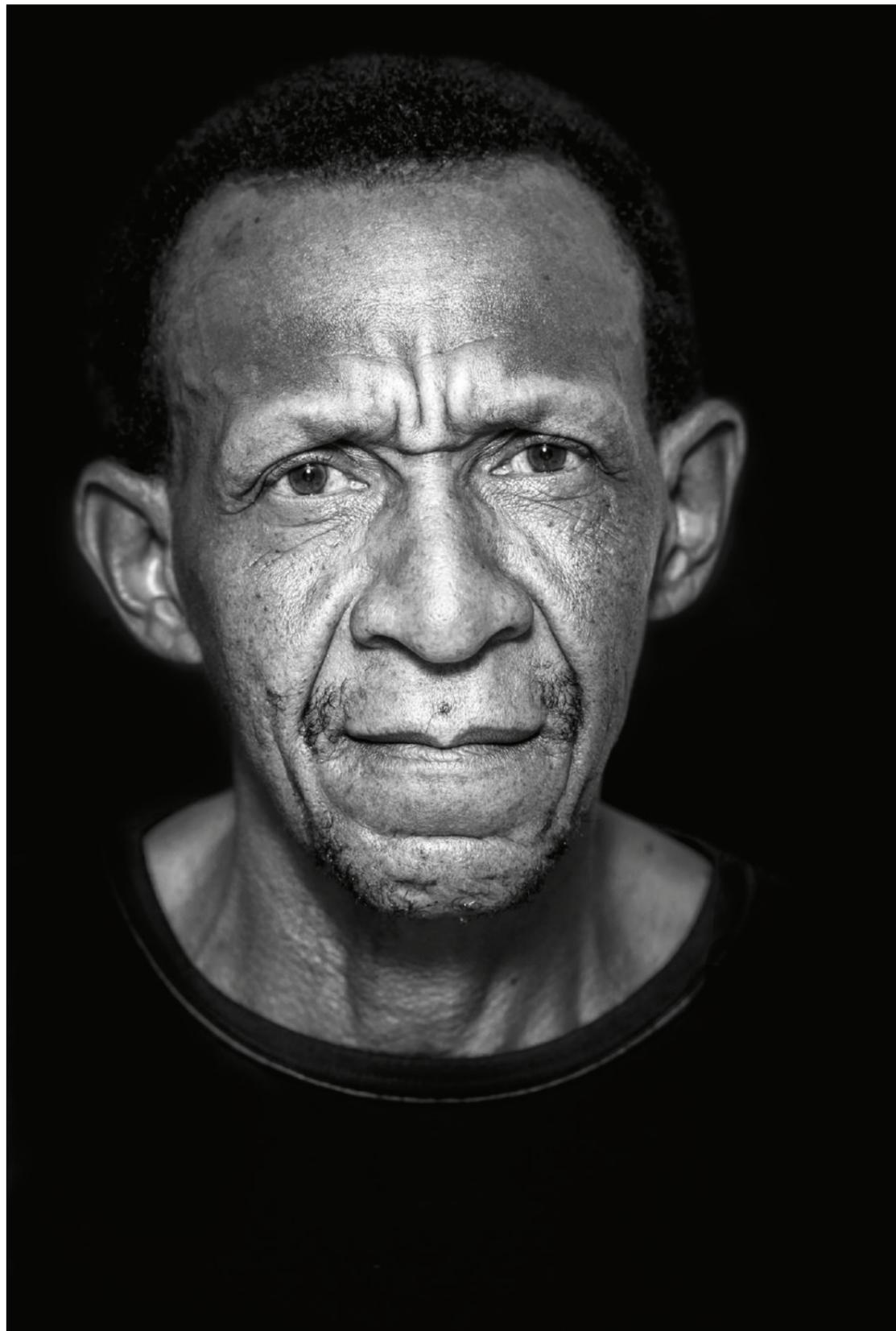
Os retratos aqui apresentados seguem uma estrutura de trabalho que sugere uma metáfora de um povo e sua cultura, que tendem a desaparecer, ou se reinventarem, só restando uma memória distante.



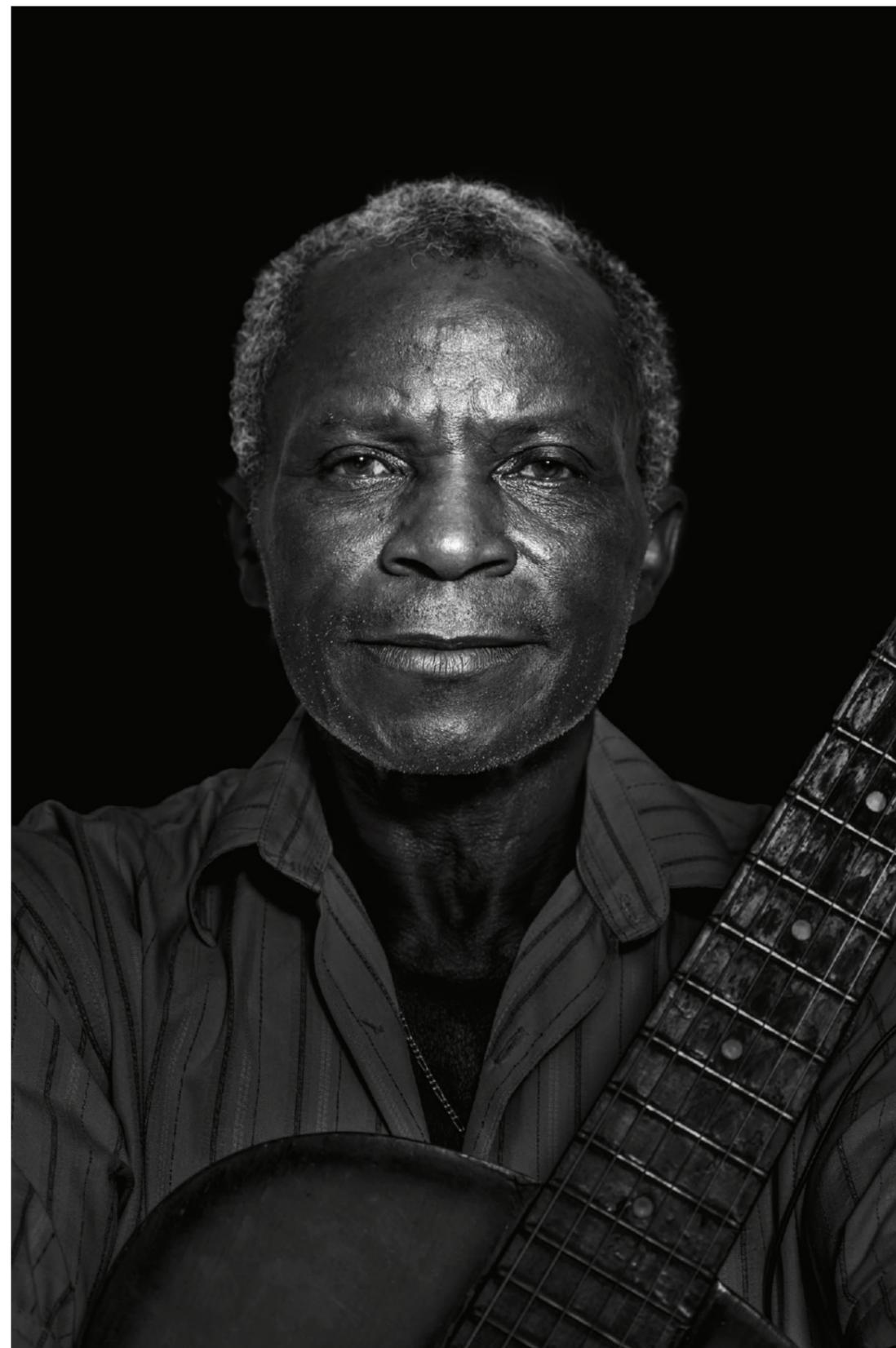








No começo as pessoas resistiram, mas depois de verem as fotos umas das outras, a emoção tomou conta(...). A tensão inicial deu lugar a risos e a deliciosos comentários sobre as próprias faces.

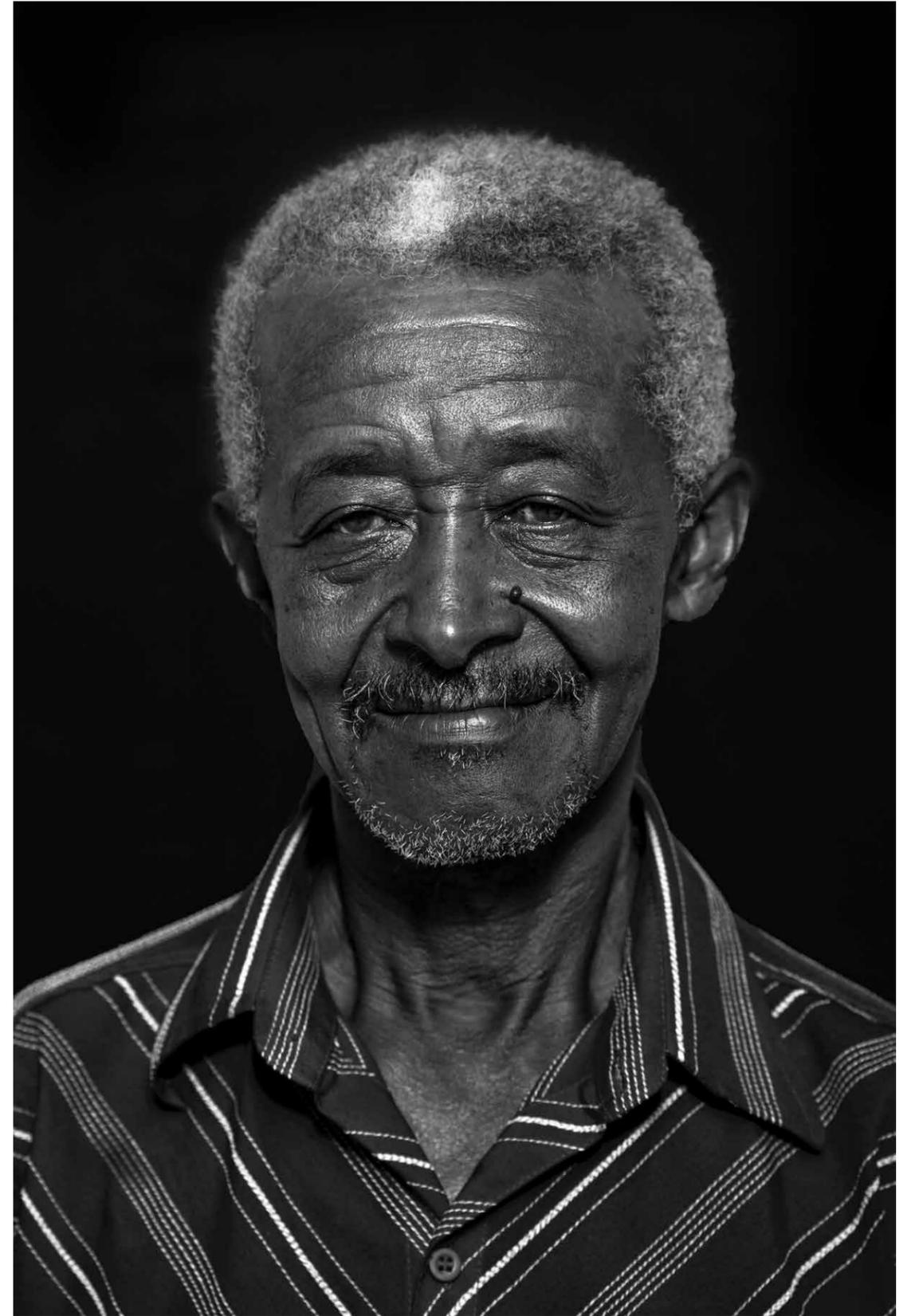


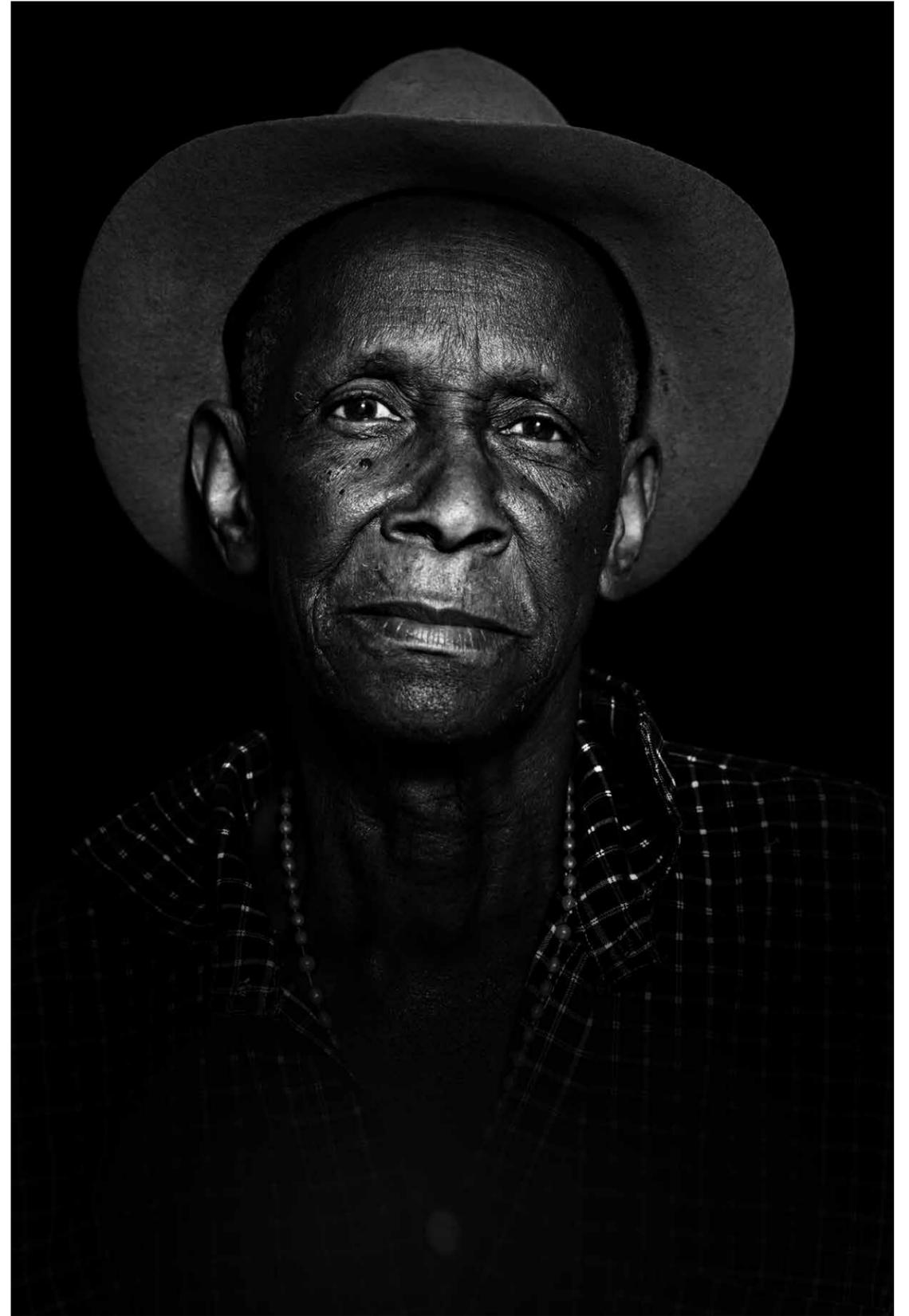
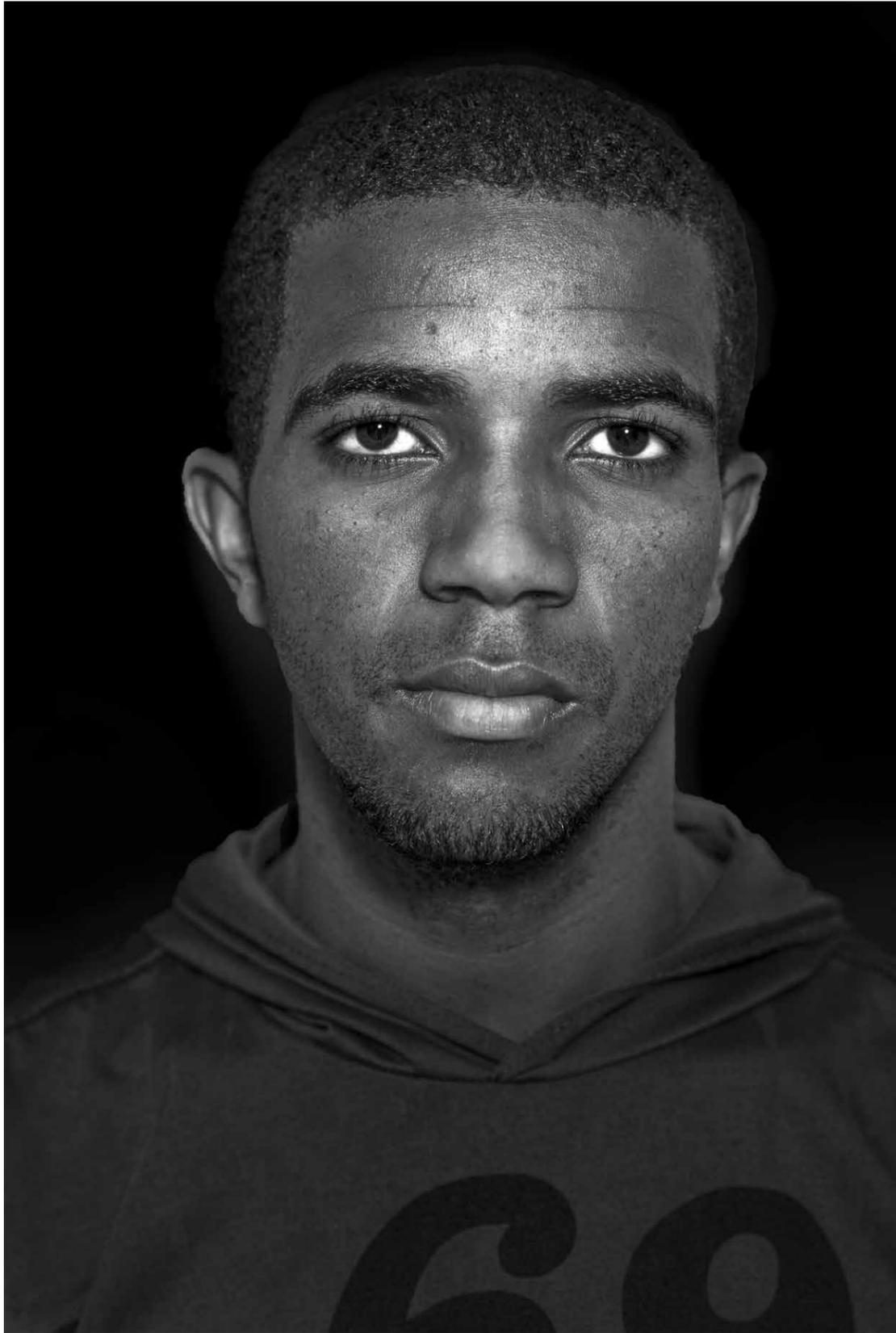












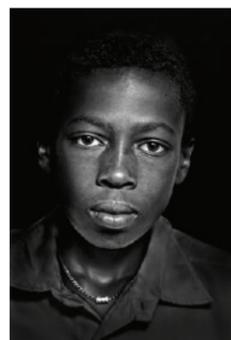
ÍNDICE DE RETRATOS



Lurdes
pág 22



Patrícia
pág 23



William
pág 24



Leia
pág 25



Benedito (Dito)
pág 50



Nilza
pág 51



-
pág 52



Cleide
pág 60



Dudu
pág 26



Carmo
pág 36



Maurício
pág 37



Ernandes
pág 38



Dete
pág 61



Durval
pág 62



Joanita
pág 63



Benício (Bena)
pág 65



Mané Ramos
pág 39



Fiinha (Palmira)
pág 41



Maria de Dida
pág 48



Alisson
pág 49



Leda
pág 74



Francisco (Chico Preto)
pág 75



Leandro
pág 76



Pedro Lopes
pág 77

EXPEDIENTE

Coordenação Editorial

Alvaro Villela / AV Fotografia e Editora

Produção Executiva

Pau Viola Cultura e Entretenimento

Fotografias

Alvaro Villela

Textos de Apresentação

Emanuel Castro
Cleidiana Ramos
Alvaro Villela

Edição de Fotografia

Alvaro Villela

Projeto Gráfico

Mario Cordeiro

Copyright © 2021 AV Fotografia e Editora
Fotografias © Alvaro Villela
alvarovillela.fotografo@gmail.com
www.alvarovillela.com.br



Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução desta obra ou parte dela por qualquer meio ou forma seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou outro meio de reprodução, sem a permissão expressa dos autores.



SECRETARIA
DE CULTURA



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL